

Brás tem maior taxa de mortalidade infantil em SP

Mapa revela desigualdades entre os 96 distritos da cidade de São Paulo

Da Redação

O Brás registrou em 2025 o maior coeficiente de mortalidade infantil entre os 96 distritos da cidade de São Paulo. Foram 20 mortes de crianças com menos de 1 ano para cada mil nascidos vivos de mães residentes no distrito. O dado integra a terceira edição do Mapa da Desigualdade da Primeira Infância, elaborado pela Rede Nossa São Paulo e divulgado em agosto.

A média dos distritos paulistanos foi de dez óbitos para cada mil nascidos vivos. Na outra ponta do levantamento, Moema apresentou índice zero. Também não houve registro de mortes de crianças menores de 1 ano em Perdizes, Jaguará e Marsilac. Entre os maiores coeficientes, depois do Brás aparecem Pari, com 19,23 mortes por mil nascidos vivos, e Brasilândia, com 18,28.

O levantamento reúne indicadores relacionados às

condições de vida de crianças de 0 a 6 anos nos distritos da capital. Os dados abrangem áreas como saúde, educação, moradia, violência, infraestrutura urbana e acesso a equipamentos públicos. A comparação busca identificar diferenças territoriais e apontar regiões com maior necessidade de políticas voltadas à primeira infância.

Na área da saúde, o mapa também analisa o acompanhamento pré-natal. No Alto de Pinheiros, 96,3% dos nascidos vivos eram de mães que realizaram sete ou mais consultas durante a gestação. Na República, o percentual ficou em 76,5%. A média entre os distritos foi de 86,2%.

Outro indicador avaliado foi a gravidez na adolescência. Em Moema, 0,13% dos nascidos vivos eram filhos de mulheres com menos de 20 anos, menor proporção registrada na cidade. Em Guaianases, o índice chegou a 10,5%, o maior entre os distritos. Pa-



A cada mil crianças nascidas no bairro em 2025, 20 morreram antes de completar 1 ano de idade

relheiros e Cidade Tiradentes também aparecem entre as regiões com percentuais mais elevados.

As diferenças também aparecem no acesso à educação infantil perto de casa. Na Casa Verde, 96% dos alunos da rede municipal e parceira estudam em unidades localizadas a até 1,5 quilômetro da residência. Em Marsilac, no extremo sul, essa proporção cai para 23,6%. A média dos distritos é de 78,7%.

O estudo considera ainda a oferta de Unidades Básicas de Saúde. Marsilac apresentou a maior proporção, com 1,68 UBS para cada 10 mil habitantes. Em distritos como Jardim Paulista, Consolação, Vila Mariana, Liberdade e Barra

Funda, o indicador ficou em zero. A média da capital foi de 0,39 unidade para cada 10 mil moradores.

No ranking geral, calculado a partir do conjunto de indicadores, Moema ficou na primeira posição, com 77,3 pontos de um total possível de 96. Na sequência aparecem Alto de Pinheiros, Jardim Paulista, Perdizes e Pinheiros. Tremembé ficou na última colocação, com 38 pontos, seguido por Perus, Parelheiros, Jaraguá e Grajaú.

Segundo a Rede Nossa São Paulo, os resultados mostram que as desigualdades na primeira infância não seguem uma única divisão geográfica. Embora os piores resultados estejam concentrados com

frequência em áreas de menor renda e mais distantes do centro expandido, um mesmo distrito pode apresentar desempenho favorável em determinado indicador e dificuldades em outro.

Os dados utilizados no mapa são da Prefeitura de São Paulo ou de pesquisas específicas. A Rede Nossa São Paulo reúne as informações, realiza os cálculos e compara os resultados entre os distritos. O levantamento é usado para identificar diferenças no acesso a serviços e nas condições de vida das crianças, além de subsidiar o debate sobre prioridades para políticas públicas municipais. A edição reúne dados recentes sobre a infância na capital.

São Paulo fica em 2º no turismo corporativo global

Da Redação

São Paulo aparece como o segundo destino mais escolhido por brasileiros em viagens corporativas, atrás apenas de Nova York. O resultado faz parte de uma pesquisa da plataforma Hoteis.com com mil pessoas que viajaram a trabalho pelo país ou no exterior nos últimos três anos.

No levantamento, 37% dos participantes apontaram a capital paulista como destino para compromissos profissionais. Nova York foi citada por 42%. Londres ficou na terceira posição, com 26%, enquanto Madri e Paris registraram 16% cada. Com esse desempenho, São Paulo também ocupou o primeiro lugar entre as cidades da América Latina.

A infraestrutura está entre os critérios considerados

pelos viajantes. Para 77% dos entrevistados, a disponibilidade de transporte, hotéis e serviços de conveniência influencia a escolha do destino. 69% avaliam a existência de espaços para reuniões e eventos, e 66% consideram necessário que os hotéis ofereçam conexão gratuita à internet.

CURIOSIDADE DA PESQUISA

A pesquisa também identificou aumento da combinação entre atividades profissionais e lazer durante as viagens. Essa possibilidade foi considerada importante por 59% dos participantes. Além disso, 56% afirmaram viajar a trabalho com frequência maior do que no período anterior à pandemia. Metade dos entrevistados da pesquisa realiza ao menos três deslocamentos corporativos por ano.



DIVULGAÇÃO/PREFEITURA DE SP

Impacto econômico das viagens corporativas também foi medido

DADOS DO OBSERVATÓRIO

Dados do Observatório de Turismo e Eventos da SPTuris, elaborados em parceria com a Ubrafe, mostram que São Paulo sediou 81 eventos de médio e grande porte em

julho. As atividades reuniram aproximadamente 819 mil pessoas e incluíram 26 feiras de negócios, 17 congressos, cinco convenções e 33 encontros de outras categorias.

Entre janeiro e julho de

2026, foram contabilizados 673 eventos na cidade, com público estimado em 3,85 milhões de participantes.

O total na cidade reúne 114 feiras de negócios, 95 congressos, 42 convenções e 422 eventos de outros formatos. A manutenção da agenda em julho, período de férias escolares, reduz parte da sazonalidade do setor.

IMPACTO ECONÔMICO

O impacto econômico das viagens corporativas também foi medido pela Global Business Travel Association. Segundo a entidade, os deslocamentos para São Paulo e dentro da cidade geraram mais de US\$ 3,4 bilhões em receitas em 2024. A quantia representa 10% do mercado brasileiro, estimado pela associação em US\$ 35,8 bilhões.